



## **Apresentação das ideias de John H. Walton e Tremper Longman III acerca do relato do dilúvio**

DA SILVA, Robson Barbosa<sup>1</sup>

### **Resenha de:**

LONGMAN III, Tremper; WALTON, John H.. *O Mundo Perdido do Dilúvio: Teologia, mitologia e o debate sobre os dias que abalaram a Terra*. Rio de Janeiro (RJ): Thomas Nelson Brasil, 2019, 208 p.

O livro “O Mundo Perdido do Dilúvio” é um trabalho conjunto de John H. Walton e Tremper Longman III, com Stephen O. Moshier contribuindo com um capítulo. No livro são tratadas questões relacionadas ao dilúvio bíblico, objetivando mostrar que a narrativa do mesmo não se coloca necessariamente contra o que se sabe acerca da história natural da Terra. É um texto voltado para qualquer pessoa interessada em discussões acerca das relações entre a ciência moderna e a fé cristã. John H. Walton, Ph.D., é professor de Antigo Testamento no Wheaton College. Tremper Longman III, Ph.D., é professor na Westmont College em Santa Bárbara, Califórnia. Stephen O. Moshier, Ph.D., é professor de geologia no Wheaton College.

O livro, que tem um pequeno prefácio (p. 7 - 8), está organizado em quatro partes, dezessete capítulos (os quais são discussões acerca de certas proposições) e uma conclusão. Na parte I do livro (“Método: perspectivas sobre interpretação”), tem-se a Proposição 1 (“Gênesis é um documento antigo”), sobre a qual os autores

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Teológicos (*intra-corporis*) - Miami International Seminary (MINTS); Licenciado em Ciências Biológicas - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB); Licenciado em Física - Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP).



começam por afirmar que “[...], a Bíblia *de fato interpreta* autoritativamente esse mundo (a obra de Deus no mundo e sua relação com ele)” (p. 22). embora não revele *como* este mesmo mundo opera (cf. p. 18). Especificamente sobre o dilúvio, pode-se dizer que ocorreu, mas que não é descrito de modo autoritativo, e sim interpretado de modo autoritativo, e a revelação consiste na *interpretação* do evento (cf. p. 22). De fato, sobre a Proposição 3 (“Gênesis 1 - 11 emprega recursos retóricos”), afirmam que os redatores de Gênesis não estavam particularmente interessados em retratar os eventos de modo a estes serem reconstruídos, mas com fins de promover sua interpretação teológica (cf. p. 32).

Sobre a Proposição 2 (“Gênesis 1 - 11 faz alegações sobre acontecimentos reais de um passado real”), dizem que, embora o exposto em Gênesis 1 - 11 possa ser considerado um mito, tem-se que notar que “[...] os antigos não faziam distinção entre mito e história. Para eles, ambos estão envolvidos nos acontecimentos e na realidade” (p. 29). Os redatores de Gênesis 1 - 11 não viam os mitos como os modernos os veem (como relatos fantasiosos em contraposição ao que, de fato, ocorreu e que seria objeto de uma descrição histórica, por exemplo), mas como dizendo respeito ao significado profundo dos eventos (significado este de natureza teológica ou “metafísica”) (cf. p. 27 - 28, 30; cf. Proposição 3, *passim*).

Sobre a Proposição 4 (“A Bíblia usa hipérboles para descrever acontecimentos históricos”), afirmam que “[...] a Bíblia não hesita em descrever acontecimentos históricos de maneira hiperbólica com o objetivo de [...] estabelecer determinada ideia teológica” (p. 42). Tanto que, na Proposição 5, se diz que “Gênesis, apropriadamente, apresenta um relato hiperbólico do dilúvio”. Ligada a isto estaria a Proposição 6 (“Gênesis retrata o dilúvio como um acontecimento global”), onde os autores defendem que “[...] a retórica relacionada ao dilúvio é intencionalmente universal, quando, na verdade, é seu impacto e importância que são universais, não seu alcance geográfico” (p. 62).

Temos, então, a parte 2 do livro (“Contextualização: textos do Antigo Oriente Próximo”). No que concerne à Proposição 7 (“A antiga Mesopotâmia também tem histórias de um dilúvio universal”), apresentam, em linhas gerais, o *Épico de Atrahasis*, e a *Epopéia de Gilgamesh*. Sobre a Proposição 8 (“O relato bíblico do dilúvio compartilha similaridades e diferenças com narrativas diluvianas do Antigo Oriente Próximo”), dizem: “Particularmente notória na comparação entre os relatos bíblicos e do AOP [i. e., Antigo Oriente Próximo] é a diferença [...] [em] como Deus e os deuses são apresentados e como administram o cosmos” (p. 76).

Segue-se a Parte 3 do livro (“Texto: entendendo o texto bíblico em termos literários e teológicos”). Sobre a Proposição 9 (“Um dilúvio cataclísmico local é descrito intencionalmente como dilúvio global para fins retóricos e por razões teológicas”), dizem que o gênero de Gênesis é de uma história (tratando, portanto, de acontecimentos factuais) à qual é dada uma interpretação teológica (cf. p. 107). Mas “[...] não há como [...] olhar por trás da cortina literária para reconstruir a realidade científica do dilúvio” (p. 112; cf. a Proposição 3).

Sobre a Proposição 10 (“O relato do dilúvio é parte de uma sequência de pecado e julgamento e serve de pano de fundo para a aliança”), dizem que a história do dilúvio tem padrão similar ao relato do primeiro pecado (cf. Gn 3), pois ambos “[...] descrevem como o pecado é respondido com juízo e graça divinos” (p. 116). Tem-se, então, no contexto do juízo do dilúvio, a aliança de Deus com Noé, da qual seriam beneficiários todos os descendentes deste (Gn 6.17 - 18, *passim*). Mesmo após a aliança noáica, o ser humano continuou a pecar, como mostra o episódio da cidade e da torre (Gn 11. 1 - 9). Aqui, contudo, não haveria manifestação da graça (cf. p. 126). A obra de graça divina esperará por Abraão, por meio de quem “[...] todos os povos da terra serão abençoados [...]” (p. 126 - 127).

Sobre a Proposição 11 (“A história teológica se concentra nas questões de presença divina, estabelecimento da ordem e em como a ordem é desestabilizada”), dizem que “[...] Embora Gênesis 1 - 11 seja estruturado pelo elemento da presença

divina, o tema motriz no decorrer dessa seção é a ordem, cuja origem está na presença divina” (p. 129). Ao tentar ser como Deus (isto é, o centro da ordem; cf. Gn 3.5) o ser humano introduz um terceiro fato: a desordem (na forma de pecado) (cf. p. 131). É no contexto da aliança que Deus trará a ordem perdida de volta e restabelecerá sua presença na terra (cf. p. 139).

Sobre a Proposição 12 (“O episódio dos ‘filhos de Deus’ não é apenas um prelúdio para o dilúvio, mas é a sequência narrativa de Caim e Abel”), dizem que, em Gênesis 6.1 - 4, se está falando de algo no sentido de se estabelecer, em meio aos homens, como que um tipo de pseudopresença divina por meio do concurso dos chamados “filhos de Deus”. Mas a referida presença, sendo rejeitada por Deus, resulta em mais desordem ainda (cf. p. 146 - 147). Também no episódio da torre (cf. “Proposição 13: A torre de Babel (Gênesis 11:1 - 9) serve de conclusão apropriada para a narrativa primeva”), se veria um esforço maldado no sentido de se restabelecer a presença divina (cf. p. 147, 160). A referida presença será, finalmente, restaurada apenas através da aliança (cf. Proposições 10 e 11). Assim, “[...] Gênesis 1 - 11 serve a função de fornecer uma introdução às narrativas ancestrais de Gênesis 12 - 50” (p. 160).

Chegamos, então, à parte 4 do livro (“O mundo: reflexão acerca de evidências para o dilúvio”). Dada a Proposição 14 (“A história do dilúvio é baseada em um acontecimento real”), dizem “[...] que o melhor entendimento de Gênesis 1 - 11 [...] é que a narrativa trata de acontecimentos passados reais pelo uso de linguagem figurada” (p. 167; cf. Proposição 4, *passim*). Advogam “[...] que a inundação do Mar Negro [, ocorrida cerca de 5600 a. C. e que tornou um antigo lago de água doce no atual Mar Negro,] é um *tipo* de dilúvio devastador que poderia, em última análise, ter inspirado o relato bíblico, ainda que ele mesmo não seja o acontecimento bíblico em si” (p. 171).

Sobre Proposição 15 (“A geologia não evidencia um dilúvio universal”), Stephen O. Moshier diz que as supostas evidências de um dilúvio global (e. g.,

fósseis de conchas encontradas em rochas acima do nível do mar, camadas de rochas percorrendo um continente inteiro, etc.), defendido pelos chamados “geólogos do dilúvio”, ou podem ser explicadas por processos geológicos normais ou, simplesmente, não existem (cf. p. 177 - 181).

Sobre a Proposição 16 (“Histórias do dilúvio ao redor do mundo não provam um dilúvio universal”), dizem os autores que as muitas histórias de dilúvios ao redor do mundo não necessariamente se originaram da experiência de tal catástrofe, mas podem ter surgido de experiências de inundações de menor monta (cf. p. 187), bem como por relatos de segunda mão (até podem ser produto de catequese cristã!) (cf. p. 189).

Sobre a Proposição 17 (“A ciência pode purificar a religião; a religião pode purificar a ciência da idolatria e dos falsos absolutos”), discorrem sobre o quão problemático seria colocar a Bíblia contra a ciência, pois isto ignora o fato de que Deus se revelaria tanto na criação quanto na Bíblia, bem como a natureza interpretativa de nossos conhecimentos científico e bíblico (cf. p. 192 - 193).

Concluem que, “[...] [v]isto que Gênesis é uma representação literária construída retoricamente para alcançar propósitos teológicos, não devemos esperar ser capazes de usá-la para reconstruir o acontecimento (real)” (p. 203; cf. Proposição 9). “[...] ele [redator de Gênesis 1 - 11] usa esses acontecimentos conhecidos do passado para ajudar o leitor a entender como a aliança com Abraão se encaixa no fluxo dos planos e propósitos de Deus para o cosmos, suas criaturas, seu povo e para a história” (p. 205). “Por último, o que devemos pensar sobre um Deus que envia o dilúvio? Primeiro: devemos notar que a Bíblia não se engaja em teodiceias, nem nos convida a fazê-lo” (p. 206). “Segundo: devemos nos lembrar que o texto bíblico nos fornece apenas conhecimento limitado dos mecanismos interiores da mente divina” (p. 206). “Nossa resposta é confiar nele” (p. 206).

O livro representa uma interessante proposta no sentido de mostrar que o relato bíblico acerca do dilúvio, sendo de grande importância no contexto geral da



Bíblia, não necessariamente precisa ser visto como um completo absurdo do ponto de vista do que se sabe sobre a evolução da Terra. Cômicos da verdadeira natureza do texto (uma hipérbole que visa interpretar teologicamente um fato do passado), os cristãos poderão argumentar que aceitar a narrativa em questão não implicaria em verdadeiro suicídio intelectual, de forma que a referida narrativa não apresenta obstáculo para se buscar um frutífero diálogo entre a ciência e a fé cristã.

**Palavras-chave:** Dilúvio; Interpretação; Narrativa.